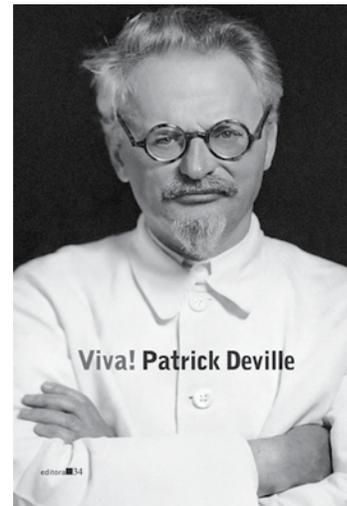


A SOCIEDADE DO CANSAÇO

Byung-Chul Han – Ed. Relógio D'água

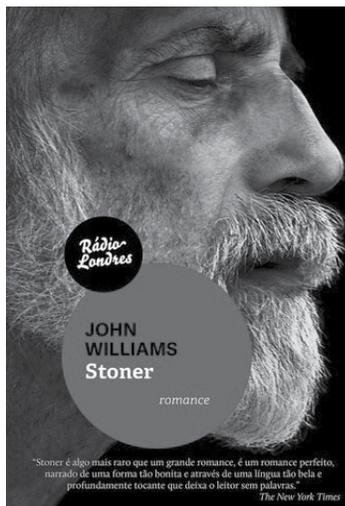
Para esse autor germano-coreano, o Ocidente pode se tornar uma sociedade do cansaço, uma doença contemporânea



VIVA

Patrick Deville - Ed. 34

Deville mostra os últimos anos de Trótski no México, um dos exilados ao lado de muitos alemães, espanhóis, italianos e russos no final dos anos 1930.



STONER

John Williams – Rádio Londres

Obra relata os 50 anos de vida de William Stoner, um professor de literatura de origem rural.



A VIDA INVISÍVEL DE EURÍDICE GUSMÃO

Martha Batalha - Cia. das Letras

Guida desaparece da casa dos pais, enquanto sua irmã Eurídice se torna uma dona de casa exemplar no Rio de 1920.

Sugestões
Livraria Ouvidor
 Simone Pessoa



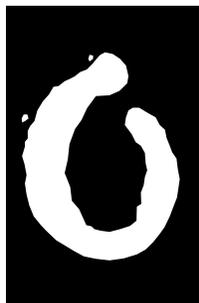
Desenho
Roberto Marques
 robmarques1@gmail.com
 artista e designer

aramalhete

editora

a.ramalhete.bh@gmail.com

Rua Domingos Vieira, 319, sala 1008,
 B. Santa Efigênia, Belo Horizonte, MG
(31) 25351901 - facebook/editoraramalhete



homem que recolhia o tempo

francisco de morais mendes

fmendes13@gmail.com

Numa velha sacola de feira, ele recolhia o tempo deixado pelos outros. Como fazia isso, não se sabe. Para ele, homem solitário que vivia entre a casa e o serviço, a palavra “repartição” não designava apenas o local de trabalho. Cabia-lhe, como servidor público, cuidar das horas, repartir o tempo entre os colegas. Havia quinze anos executava com diligência a mesma tarefa: zelar pelo ponto, abonar as faltas justificadas, converter o excedente de horas em pagamento. O tempo era público.

Contudo, sofria de um mal sem remédio. Pressentia o correr dos dias, dos meses, dos anos, como uma pesada subtração da vida. O tempo escapava-lhe enquanto acumulavam-se coisas por fazer. A perda do tempo é individual, lamentava.

À noite, em casa, recostado à velha poltrona de couro, sentia o peso de dois mil livros não lidos. E lia metodicamente. Ao alcance da mão, um infatigável atlas oferecia-lhe países por visitar. E ele mal saía da cidade. À direita da poltrona, ao alcance da mão, centenas de obras aguardavam releitura.

Pensando constantemente no tempo, observava que boa parte do que se fala contém essa palavra vaga, sem peso, sem consistência. Certo dia, num corredor da repartição, ouviu de uma grávida que faltavam três meses para o bebê nascer. Então ocorreu-lhe que, durante a gravidez, ela deixava sem uso um outro tempo. O que primeiro pareceu-lhe uma brincadeira, uma anedota, tomou a forma de ideia. Depois de algumas noites em que se pegava pensando na grávida, supondo-se assaltado por uma paixão em todos os sentidos inoportuna, o assunto passou de ideia a teoria. Não era a grávida que o atormentava. Era o tempo.

Formulou, então, a teoria dos tempos laterais, que correm simultaneamente na vida das pessoas. Pela última vez voltou a pensar na grávida, para explicar a si mesmo sua teoria. A vida segue num tempo conhecido como normal, mas qualquer alteração ou acidente põe em funcionamento um tempo dos que correm lateralmente àquele, um tempo outro. Enquanto dura o período da gravidez, tomado como uma alteração, o tempo normal continua a passar, mas em desuso, um cão sem dono vagando por aí.

Durante alguns dias, classificou amostras para sua teoria. Há um tempo largado aqui fora pelas pessoas que baixam ao hospital. Há um tempo de ócio deixado pelas que

trabalham. O tempo ocioso mantém suas unhas e engrenagens à espreita, aguardando que a pessoa deixe o trabalho; acompanha-a, e quando, após um banho quente, a pessoa decide se liga a tevê ou coloca um disco para tocar, ele está pronto para seguir. Em outra circunstância, enquanto a pessoa mergulha a atenção no noticiário do rádio, fica desocupado o tempo da distração. Nenhum deles deixa de correr. E boa parte simplesmente é perdida por desuso.

Certa noite, acomodado na poltrona, voltou a refletir. Era preciso recolher o cão sem dono. A outro, não iria fazer falta. A ele, o livreria da aflição.

Na manhã seguinte, mexendo no quarto de coisas abandonadas, encontrou a sacola e passou a carregá-la. Das grávidas, subtraía o tempo da não gravidez. Dos colegiais em algazarra à saída da escola, recolhia variadas espécies de tempo. Do sujeito que lia no ônibus, tomava o tempo de olhar pela janela. O mais surpreendente eram aquelas pessoas que parecem pensar em coisa alguma, absolutamente alheias. Destas, fluíam, ou melhor, jorravam tempos em profusão. E ele recolhia, recolhia, recolhia.

Voltara a ler sem ansiedade, pois acumulava considerável reserva de tempo. Em pelo menos um momento, levantou os olhos do livro e pensou na imortalidade. Deu um breve sorriso, sem precisar recorrer ao espelho para encontrar o que supunha um rosto rejuvenescido, de uma época em que sonhava ler todos os livros do mundo. Voltou a concentrar-se na leitura. O tempo, agora, não passava; vinha até ele. O cão encontrara o dono.

Estava bastante nublada a manhã em que, depois de ler no jornal sobre um sujeito condenado a muitos anos de prisão, foi tomado de grande ansiedade. Ocupado em juntar os tempos dispersos no presente, não lhe ocorrera tocar num tempo futuro. Nem sequer havia pensado nisso. No entanto, vislumbrava que aquele tempo podia ser recolhido de uma única vez. Devo capturar o tempo que ele deixará aqui fora, mas onde estará?, pensou, quase faltando-lhe o ar. Saindo às pressas com a sacola, sem saber exatamente onde buscar aquela fatia esplêndida de tempo – ao redor do presídio?, na rua onde morava o criminoso? –, distraiu-se numa travessia e, atropelado por um caminhão de mudanças, teve morte instantânea.

Ficou a sacola jogada num canto da rua. Os que olhavam em seu interior de algum modo sabiam que vazia não estava; era um engano dos olhos. Afastavam-se ao sentir uma espécie de sufocação. A que não sabiam nomear.



VIDA

Gênero triste de comédia, a vida:
Dividida em dois atos ou dois tomos,
Onde comparsas mais ou menos somos
Desde o primeiro ponto de partida.

Feliz daquele que na mão erguida
Mostra do gozo os sazonados pomos;
Desses não fui, não foste e nunca fomos...
Pobre de mim, pobre de nós, querida!

Mas nem sempre se chora, órfã ou viúva;
Rimo-nos, sem que nada nos contenha...
É uma réstia de sol depois da chuva.

Prolonguemos assim essas tão puras
Alegrias até que a morte venha
Cortar o fio às nossas amarguras.

francisca júlia
1871 - 1920

DESCOMPASSO

Para grande parte da população
O 14Bis ainda não saiu do chão
O estrangeiro é terra do nunca
As palavras são sinais enigmáticos
Freud, Nietzsche, Galileu
Ainda não nasceram
Bach, Beethoven, Mozart
Estão em silêncio
Drummond, Rosa, Jobim,
Calados
Tantos pratos exóticos
Não foram servidos
Tantas frutas não foram colhidas
Lençóis macios não foram tecidos
Algumas delicadezas ainda dormem
Alguns objetos, algumas artes
Permanecem no escuro
Algumas sutilezas do espírito
Ficam escondidas
Sob a grossa e pesada capa da ignorância
Bailarinos não se movem
Museus, teatros, galerias
Estão fechados
Livrarias, bibliotecas
Têm prateleiras vazias
O cinema projeta
Apenas uma luz que cega
Em sessões seguidas
Numa sala escura
A poesia é pássaro
Que bate e morre
A cada dia
Na fachada de vidro
Da realidade

A igualdade é uma farsa
A liberdade, um medo
A fraternidade, uma mentira

marcelo xavier
mxoficinamagica@yahoo.com.br

ESTELAR

Na noite
do poema
as estrelas
não dormem
nunca:
iluminam
a solidão
das palavras

pedro vianna

pedroviannaredator@gmail.com

O CORAÇÃO

O coração é o colibri dourado
Das veigas puras do jardim do céu.
Um tem o mel da granadilha agreste,
Bebe os perfumes, que a bonina deu.

O outro voa em mais virentes balças,
Pousa de um riso na rubente flor.
Vive do mel a que se chama crenças,
Vive do aroma que se diz amor.

castro alves

1847 - 1871

SEGUNDA IMPACIÊNCIA DO POETA

Cresce o desejo, falta o sofrimento,
Sofrendo morro, morro desejando,
Por uma, e outra parte estou penando
Sem poder dar alívio a meu tormento.

Se quero declarar meu pensamento,
Está-me um gesto grave acobardando,
E tenho por melhor morrer calando,
Que fiar-me de um néscio atrevimento.

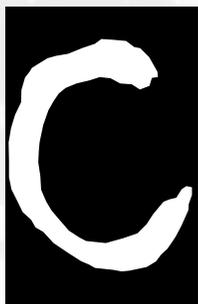
Quem pretende alcançar, espera, e cala,
Porque quem temerário se abalança,
Muitas vezes o amor o desiguala.

Pois se aquele, que espera se alcança,
Quero ter por melhor morrer sem fala,
Que falando, perder toda esperança.

gregório de matos

1636 - 1695





urta história

machado de assis

1839 - 1908

A leitora ainda há de lembrar-se do Rossi, o ator Rossi, que aqui nos deu tantas obras-primas do teatro inglês, francês e italiano. Era um homenzarrão, que uma noite era terrível como Otelo, outra noite meigo como Romeu. Não havia duas opiniões, quaisquer que fossem as restrições, assim pensava a leitora, assim pensava uma D. Cecília, que está hoje casada e com filhos.

Naquele tempo esta Cecília tinha dezoito anos e um namorado. A desproporção era grande; mas explica-se pelo ardor com que ela amava aquele único namorado, Juvêncio de Tal. Note-se que ele não era bonito, nem afável, era seco, andava com as pernas muito juntas, e com a cara no chão, procurando alguma coisa. A linguagem dele era tal qual a pessoa, também seca, e também andando com os olhos no chão, uma linguagem que, para ser de cozinheiro, só lhe faltava sal. Não tinha idéias, não apanhava mesmo as dos outros; abria a boca, dizia isto ou aquilo, tornava a fechá-la, para abrir e repetir a operação.

Muitas amigas de Cecília admiravam-se da paixão que este Juvêncio lhe inspirava; todas contavam que era um passatempo, e que o arcanjo que devia vir buscá-la para levá-la ao paraíso, estava ainda pregando as asas; acabando de as pregar, descia, tomava-a nos braços e sumia-se pelo céu acima.

Apareceu Rossi, revolucionou toda a cidade. O pai de Cecília prometeu à família que a levaria a ver o grande trágico. Cecília lia sempre os anúncios; e o resumo das peças que alguns jornais davam. Julieta e Romeu encantou-a, já pela notícia vaga que tinha da peça, já pelo resumo que leu em uma folha, e que a deixou curiosa e ansiosa. Pediu ao pai que comprasse bilhete, ele comprou-o e foram.

Juvêncio, que já tinha ido a uma representação, e que a achou insuportável (era Hamlet) iria a esta outra por causa de estar ao pé de Cecília, a quem ele amava deveras; mas por desgraça apanhou uma constipação, e ficou em casa para tomar um suadouro, disse ele. E aqui se vê a singeleza deste homem, que podia dizer enfaticamente — um sudorífico; — mas disse como a mãe lhe ensinou, como ele ouvia à gente de casa. Não sendo coisa de cuidado, não entristeceu muito a moça; mas sempre lhe ficou algum pesar de o não ver ao pé de si. Era melhor ouvir Romeu e olhar para ele...

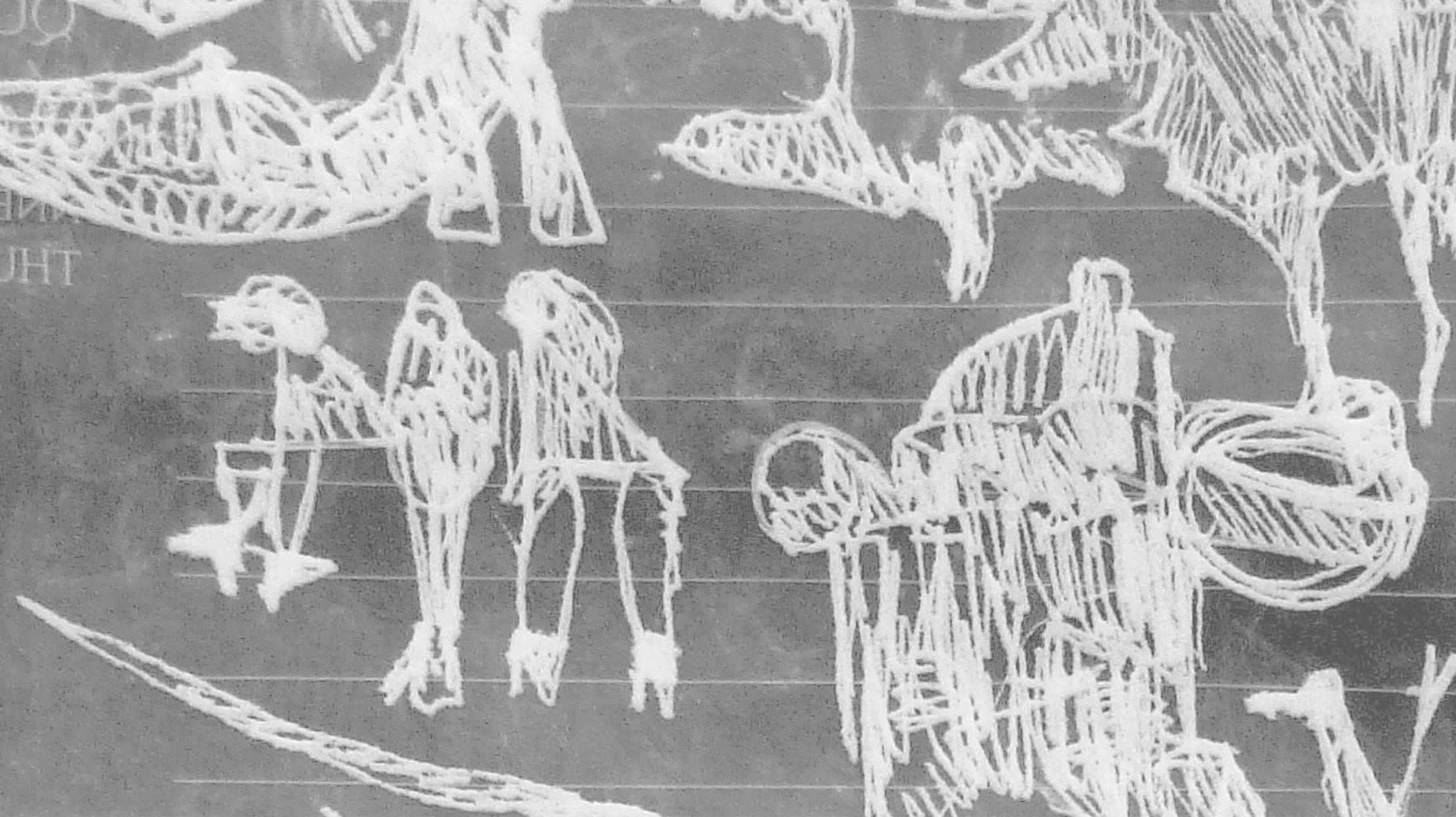
Cecília era romanesca, e consolou-se depressa. Olhava para o pano, ansiosa de o ver erguer-se. Uma prima, que ia com ela, chamava-lhe a atenção para as toilettes elegantes, ou para as pessoas que iam entrando; mas Cecília dava a tudo isso um olhar distraído. Toda ela estava impaciente de ver subir o pano.

— Quando sobe o pano? perguntava ela ao pai.

— Descansa, que não tarda.

Subiu afinal o pano, e começou a peça. Cecília não sabia inglês nem italiano. Lera uma tradução da peça cinco vezes, e, apesar disso, levou-a para o teatro. Assistiu às primeiras cenas ansiosa. Entrou Romeu, elegante e belo, e toda ela comoveu-se; viu depois entrar a divina Julieta, mas as cenas eram diferentes, os dois não se falavam logo; ouviu-os, porém, falar no baile de máscaras, adivinhou o que sabia, bebeu de longe as palavras eternamente belas, que iam cair dos lábios de ambos.

Foi o segundo ato que as trouxe; foi aquela cena imortal da janela que comoveu até às entranhas a pessoa de Cecília. Ela ouvia as de Julieta, como se ela própria as dissesse; ouvia as de Romeu, como se Romeu falasse a ela própria. Era Romeu que a amava. Ela era Cecília ou Julieta, ou qualquer outro nome, que aqui importava menos que na peça. "Que importa um nome?" perguntava Julieta no drama; e Cecília com os olhos em Romeu parecia perguntar-lhe a mesma



coisa. “Que importa que eu não seja a tua Julieta? Sou a tua Cecília; seria a tua Amélia, a tua Mariana; tu é que serias sempre e serás o meu Romeu.”

A comoção foi grande. No fim do ato, a mãe notou-lhe que ela estivera muito agitada durante algumas cenas.

— Mas os artistas são bons! explicava ela.

— Isso é verdade, acudiu o pai, são bons a valer. Eu, que não entendo nada, parece que estou entendendo tudo...

Toda a peça foi para Cecília um sonho. Ela viveu, amou, morreu com os namorados de Verona. E a figura de Romeu vinha com ela, viva e suspirando as mesmas palavras deliciosas. A prima, à saída, cuidava só da saída. Olhava para os moços. Cecília não olhava para ninguém, deixara os olhos no teatro, os olhos e o coração...

No carro, em casa, ao despir-se para dormir, era Romeu que estava com ela; era Romeu que deixou a eternidade para vir encher-lhe os sonhos. Com efeito, ela sonhou as mais lindas cenas do mundo,

uma paisagem, uma baía, uma missa, um pedaço daqui, outro dali, tudo com Romeu, nenhuma vez com Juvêncio.

Nenhuma vez pobre Juvêncio! Nenhuma vez. A manhã veio com as suas cores vivas; o prestígio da noite passara um pouco, mas a comoção ficara ainda, a comoção da palavra divina. Nem se lembrou de mandar saber de Juvêncio; a mãe é que mandou lá, como boa mãe, porque este Juvêncio tinha certo número de apólices, que... Mandou saber; o rapaz estava bom; lá iria logo.

E veio, veio à tarde, sem as palavras de Romeu, sem as idéias, ao menos de toda a gente, vulgar, casmurro, quase sem maneiras; veio, e Cecília, que almoçara e jantara com Romeu, lera a peça ainda uma vez durante o dia, para saborear a música da véspera. Cecília apertou-lhe a mão comovida, tão-somente porque o amava. Isto quer dizer que todo amado vale um Romeu. Casaram-se meses depois; têm agora dois filhos, parece que muito bonitos e inteligentes. Saem a ela.

AFÃ DE OUTROS ABSURDOS

Dê-me estes peixes todos
Entrarão vivos em mim
Rápido os peixes os peixes!
Feito luzes me acenderão
Ascenderei para o céu
Feito um cristo
Quero fugir alaranjada

Estou urgente ávida
De um sonho.

adriana garcia

Só, com peixes - Ed. Confraria do Vento

TUDO EGO

Já fui tudo o que quis ser.
Já fui rica e já fui pobre
Mendiga e puta, também fui esnobe
Daquelas de nariz empinado
Vestido rendado e não misturar com ralé

Agora sou só mais uma.
A felicidade do brilho de uma pupila que dilata
No nascer do sol da manhã dos irmãos de fé.

caterina picorelli

Poesia de Gaveta - Ed. Asa de Papel

SINA

Os que são sem saber.
Os que sabem que são.
Os que fingem que são.
Os que tentam.
Os que enganam.
Os que não.
Todos vão.

rômulo garcias

romulogarcias2013@gmail.com

SUJEITO INDIRETO

Quem dera eu achasse um jeito
de fazer tudo perfeito,
feito a coisa fosse o projeto
e tudo já nascesse satisfeito.

Quem dera eu visse o outro lado,
o lado de lá, lado meio,
onde o triângulo é quadrado
e o torto parece direito.

Quem dera um ângulo reto.
Já começo a ficar cheio
De não saber quando eu falto,
De ser, mim, indireto sujeito.

paulo leminski

Toda Poesia

DURAÇÃO

O tempo era bom? Não era.
O tempo é, para sempre.
A hera da antiga era
Roreja incansavelmente.

Aconteceu há mil anos?
Continua acontecendo.
Nos mais desbotados panos
Estou me lendo e relendo.

Tudo morto, na distância
Que vai de alguém a si mesmo?
Vive tudo, mas sem ânsia
De estar amando e estar preso.

Pois tudo enfim se liberta
De ferros forjados no ar.
A alma sorri, já bem perto
da raiz mesma do ser.

carlos drummond de andrade

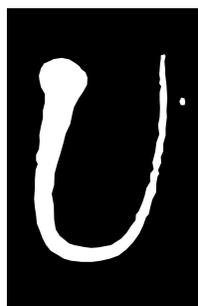
As impurezas do branco

No Vale do Jequitinhonha
Tinha um pequeno sitiante
De avançada idade e muita sabedoria
Que plantava duas roças por vez:
Uma para si e outra para os passarinhos.
Não vi, me contaram
Mas quem me contou já se foi para melhor.
Guardei o seu testemunho.
O mundo globalizado
Não sabe o que fazer
Desse pequeno sitiante
Muito menos dos passarinhos.
Mas se vivo fosse acredito
Reservaria em seu pomar
Uma laranjeira para os passarinhos.
Pois que voltam dos campos às praças
Os canarinhos da terra
Machos cabecinha de fogo
Fêmeas verde amarelado
Commodities ou não
Serão deles também ora!
As Laranjas!
Como deve ser e Deus quer.

josé a. r. frota

Do livro *Pequeno tratado da arte de
abrir janelas* - Ed. Asa de Papel





Um troco, uma pedra

rogério rodrigues
supergel@hotmail.com

O motorista, a uns cinquenta metros daquele ponto, começou a observar aquela figurinha singular que se mexia, como se o ônibus já estivesse no ponto de ser escalado, tamanha era a ansiedade de subir a bordo. Sua aparência era de alguém que tinha se levantado e saído de casa sem, ao menos, passar uma água no rosto, tampouco, pentear o pixaim, apesar de já serem mais ou menos dezessete horas. Era um jovem afro-descendente de uns dezesseis a dezoito anos, mas com cara de criança; trazia uma mochilinha colorida e encardida às costas. Decerto, vinha do trabalho, alguma atividade relacionada com a construção civil, talvez fosse um ajudante de pedreiro ou de pintor, pois suas unhas tinham, nas cutículas, resíduos de cimento ou tinta de parede. O motorista, sem se virar, comentou com o cobrador:

- Hoje é o nosso dia! Prepara aí as notas de dez reais, ele está com muita pressa, como sempre.

- O que você acha? Perguntou o cobrador – troco ou não troco?

- Troca, se não for te deixar sem troco - respondeu o condutor, assim ele vai embora logo; deve estar num vodum feio; essa raça não perde tempo nem para tomar banho.

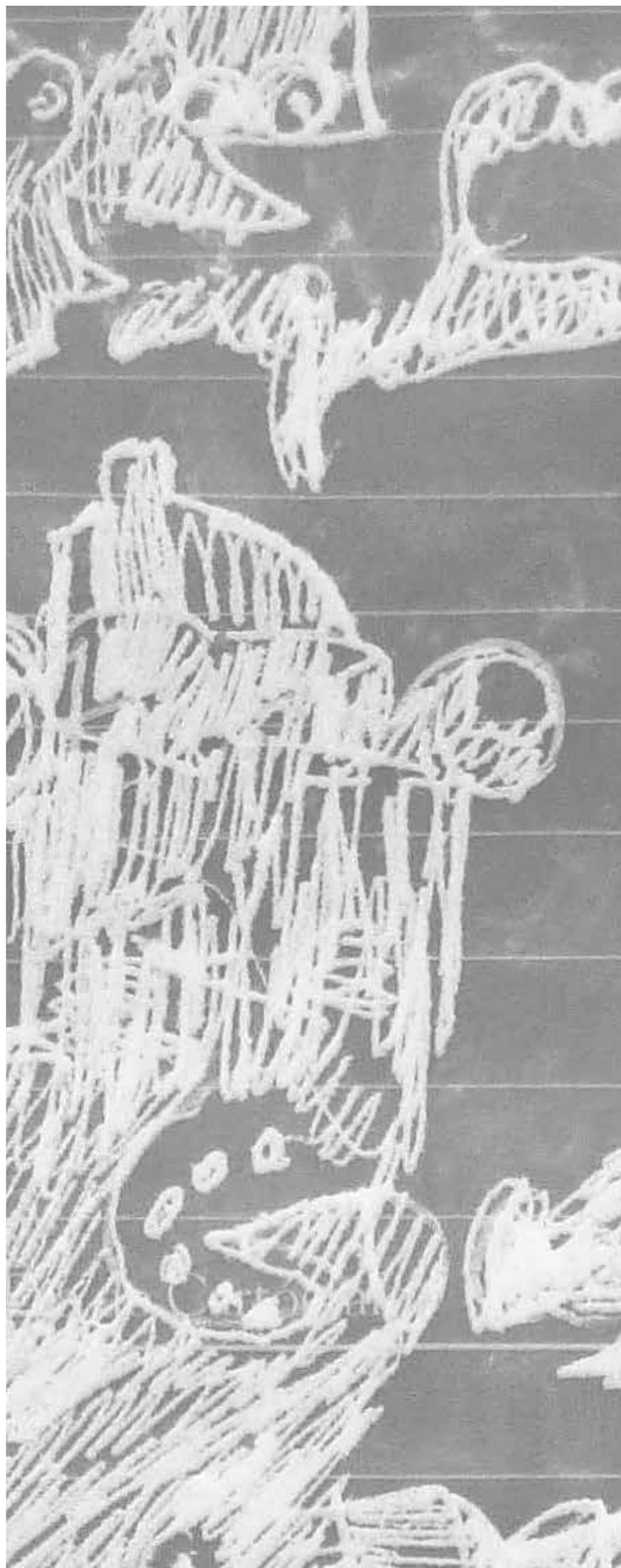
O ônibus mal parou e o rapaz pulou no primeiro degrau da porta, sem entrar, contudo, no veículo; dirigiu-se ao motorista, meio trêmulo e gago:

- Aí moço, será que seu cobrador troca umas moedas pra mim?

- Vai comprar uma pedra Né – Gritou o motorista, num tom autoritário e agressivo.

O rapaz nada respondeu, apenas caminhou na direção do cobrador e encostou-se na roleta, enquanto esvaziava o bolso da mochila, cheio de moedas de todo valor. Ele tremia tanto, que por duas vezes, as moedas caíram de suas mãos no chão. Toda a operação durou o equivalente a uns três pontos do ônibus. O trânsito difícil da Avenida Antônio Carlos, fez com que o ônibus parasse a uns cinco metros do Viaduto Leste. O garoto, impaciente, consultou o motorista sobre a possibilidade de descer ali mesmo; o motorista se escarneceu do estado do garoto:

- Não está aguentando não né? Vai comprar no Bomfim hoje?



O menino, constrangido, olhou para o outro lado, nada respondeu. O condutor, então, olhou para os lados, verificando se havia algum inspetor de trânsito à vista, puxou a maneta, abrindo a porta da frente. O moço, deu um sorriso, agradeceu a seu modo, e debandou num galope alucinado pela Rua do Bomfim.

O motorista, um sanguíneo cinquentão de lisos cabelos grisalhos, aparentava uma saúde de leão.: parecia ter hábitos muito saudáveis e, talvez por isso, estranhasse muito aquela figura sem vida, com olhos cinza, sem expressão; cadavérico esqueleto descarnado.

- O traficante não aceita moeda não! É só nota - Comentou com o cobrador.

- Por que isso? Perguntou o cobrador.

- Os atendentes ficam circulando no morro; encontram o comprador e, sem parar, entregam uma pedra para cada dez reais; é mais fácil conferir uma nota de dez do que um monte de moedas. Respondeu o condutor, sem tirar os olhos da via.

- Como é que você sabe disso? Replicou o trocador.

- Todo mundo sabe, eu também! Fechou o assunto o motorista.

Nas duas últimas viagens, o carro não mais rodava, voava como um jato. O trocador, não entendendo a pressa do seu colega tripulante, foi conferir o motivo:

- Aí mano, você está com a macaca heim! Que pressa mais maluca é essa? Vai tirar alguém da força?

- Tenho que levar o remédio das meninas; tá quase na hora; não pode passar muito da hora não; senão é o bicho!

- Que meninas? Suas filhas?

- Minha filha e a mãe. Elas têm a mesma doença, o remédio é pesado e o horário é controlado.

- Você vai passar numa farmácia ainda?

- Já comprei. Respondeu o motorista em voz abafada.

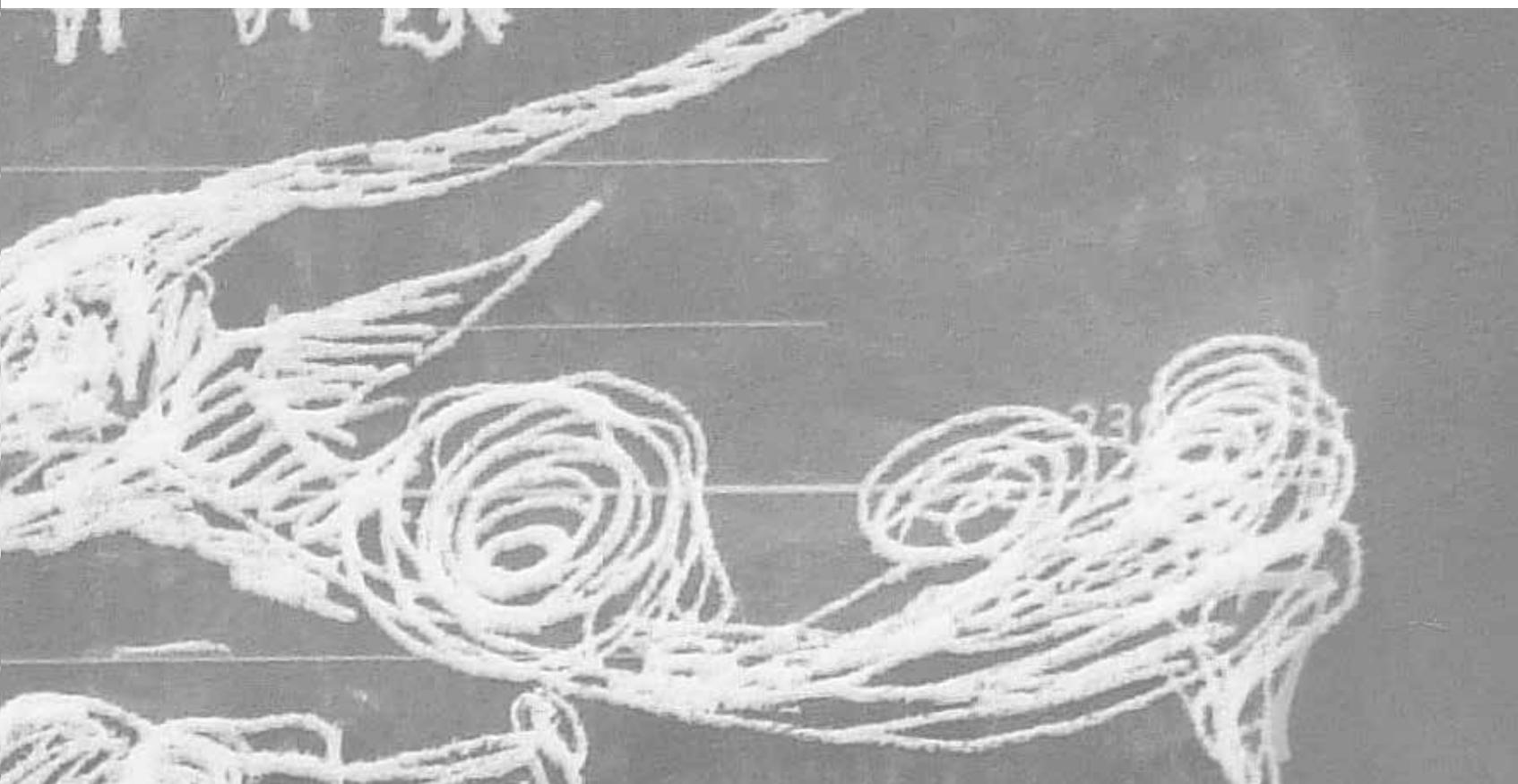
- Quando, que eu não vi?

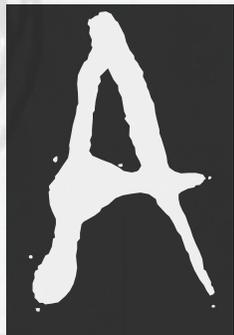
- Quando você foi à padaria trocar dinheiro, o farmacêutico me entregou o remédio aqui na porta; eu encomendo antes.

- Tem farmácia ali no São Francisco? Nunca notei?

Depois da última viagem, o motorista cansado, de carona em carona, nas linhas do seu patrão, tratou de chegar depressa em casa. Quando abriu a porta de sua casa, as duas sombras femininas, encolhidas no canto da sala escura, pareciam arregalar os olhos sobre ele, mas eram somente dois minúsculos lumes saindo das fundas covas oculares escavadas em faces acinzentadas. Davam a impressão de sentirem um frio polar, tamanha a tremedeira e a posição fetal sob os cobertores fedorentos.

O herói redentor, nobre São Jorge, cavaleiro do dragão de metal, cansado da batalha seguida da disparada para resgatar seus amores, tira do bolso duas minúsculas pedras e distribui entre suas meninas, resgatando-as do limbo ou do inferno. Depois, com gestos em câmara lenta, deixa o cômodo, entra em prantos no quarto que foi de casal há tempos. Só saiu do quarto doze horas depois, numa maca, com um corte na jugular, deixando todo o seu sangue, em oblação, no quarto para suas meninas.





herança

Chequer Bou-Habib

chequerhanna@hotmail.com

Foi tudo um engano. Ao morrer, e já no vento do último suspiro, Inácio de Loiola - de origem incerta e nunca investigada - deixou o seguinte recado no ouvido atencioso de seu compadre Zé Nanico, um aposentado da prefeitura que vivia de levar e trazer recados:

- ... E deixo meu patrimônio para o Waldomiro. Que ele cuide de tudo, e tenha por ele o mesmo cuidado que eu tive. Deixo só pra ele. Avisa a ele, compadre.

E morreu.

Avisado da incumbência ditada nos parágrafos finais de Loiola, Waldomiro mal esperou que sobre ele caísse a última pá de terra para, com seus cuidados, ocupar-lhe a casa de solteiro onde por último vivera, de modo a lacrar portas e janelas com travas e pregos, justificando:

- Herança no último suspiro é coisa séria. De modo que ajo nessa conjuntura para evitar a peste que são parentes longínquos, de olho no patrimônio do meu amigo Loiola. Levo essas incumbências muito a sério.

E assim fez. Fechada a casa, para lubrificar bem a sua condição de herdeiro único do patrimônio de Inácio, Waldomiro, também conhecido como Boa Boca, passou a evitar qualquer contato com parentes e amigos de seu benfeitor; até o cachorrinho, único a morar na casa com o dono, foi expulso a pontapés, e ficou a rondar lastimosamente a cerca do jardim. Mas o Boa Boca não deu trégua:

- Sempre tem alguém querendo desbaratar...

Foi enquanto pesquisava a fortuna que herdara que descobriu que Inácio de Loiola não tinha dinheiro em bancos, nem guardado em casa; que ele revirou do telhado aos alicerces. Nem terras, nem gado, nada tinha.

- Pelo menos fico com a casa, o que resultará em alguns trocados - murmurou.

Nem isso. Dias depois apareceu lá um turco brandindo um contrato de aluguel de muitos anos, finalmente rescindido. E lhe tomou a casa. Waldomiro entrou em parafuso:

- Dinheiro, não; casa, não; terras, não; o que mais?

Foi perguntar a Zé Nanico. Que respondeu:

- Coitado do compadre... seu último pensamento foi para ele... para o patrimônio.

- Mas que patrimônio, homem de Deus? Não vi nada, não encontrei coisa alguma, não achei uma migalha. Quero cuidar da herança, atender ao último pedido do meu grande amigo, mas como?

E batendo no peito:

- Sou um homem sério!

Zé Nanico esclareceu:

- É o cachorro. Era como um filho. O nome dele é Patrimônio.

E Waldomiro, em figura de estátua:

- Ah! Era o cachorro?

E feroz:

- Esse tal Inácio era mesmo um caloteiro. Isso é lá herança? Vou cuidar de cachorro? Eu? Nunca! Ele que se dane, que já perdi muito tempo com essa história. Adeus.

E saiu assoviando.



(31) 3221.7473 / WhatsApp: (31) 98316.5228

facebook.com/livrariaouvidor - instagram.com/livraria_ouvidor
Rua Fernandes Tourinho, 253 – Savassi - BH - MG

Editor	Álvaro Gentil
Jornalista responsável	Fernando Righi Marco
Programação visual	Marcelo Xavier
Produção editorial	Délio Esteves
Tiragem	1.000 exemplares
Impressão	Fumarç
<hr/>	
R. Domingos Vieira, 319, sala 1008 - S. Efigênia, BH (31) 2535-1901 / 99579-7279	